

## ORTOTIPOGRAFIA E MICROTIPOGRAFIA EM TEXTOS CIENTÍFICOS

O livro é um objecto impresso de grande complexidade, pois a sua produção pode reflectir uma imensidão de conhecimentos, culminando em classificações incontornáveis, como: 'livro raro', 'livro objecto', 'livro jóia' ou 'livro de artista'. Isto significa que a organização e a edição de uma obra podem implicar processos distintos e especializados, que vão desde a criação literária, a definição da 'família' tipográfica, a arquitectura da página, a concepção de imagens, a revisão de provas e o estudo dos papéis, até à encadernação e à impressão. Este ciclo pode perdurar anos, atingir custos incontroláveis e, inclusive, levar o editor à falência.

A Tipografia, tal como a História do Livro, revela que a orto-micro-tipografia (que trata o idioma, a gramática, a pontuação, a sintaxe, a letra, a tipometria, a cor do texto, a legibilidade, etc.) tem vindo a adaptar-se à evolução linguística. Prova deste facto são os sucessivos actos, colectivos ou individuais, que testemunham o reconhecimento inalienável destas disciplinas – que são matriciais da *praxis* do Design de Comunicação –, dos quais são exemplo manifestos, congressos, *workshops* e teses de doutoramento (*Arquitectura Gráfica* – Begoña Simón, 2001; *Tipometria: a Medida Tipográfica* – Oriol Moret, 2006; e *Tipografia Digital* – Daniel Rodríguez, 2006).

### ORTOTIPOGRAFIA

“No início do segundo milénio a. C., uma lápide fenícia esculpida a martelo continha cerca de vinte e dois signos alfabéticos, que permitiam expressar tudo quanto se queria dizer. Quatro mil anos depois, um operador de informática necessita de cerca de cento e cinquenta signos para compor um texto de uma publicação de carácter geral. Por fim, a humanidade logrou descobrir, ainda que arduamente, as vantagens da separação das palavras, dos sinais de pontuação, da distinção entre maiúsculas e minúsculas, da numeração romana e da árabe, da diferenciação entre redondo e cursivo, etc. Para se orientar no mundo das letras, já não chega a velha urbanidade ortográfica: na era pós-Gutenberg, a Ortotipografia impõe-se. Os manuais contemporâneos auxiliam autores, tradutores, *copywriters*, editores, técnicos e *designers* gráficos nas subtilezas do protocolo, da etiqueta e dos bons costumes da letra impressa neste terceiro milénio [...]. Organizar um original descuidado e mal concebido é uma tarefa superior!” [Josep M. Pujol; Joan Solà, 1995].

Este (ainda) invulgar termo foi inventado há quase 400 anos pelo humanista alemão Hieronymus Hornschuch, numa edição em latim (Leipzig, 1608) do seu manual de correcção *Orthotypographia*, cujo subtítulo se poderá traduzir como: *Manual de Correcção e Conselhos Úteis e Necessários, para a Publicação de Documentos Escritos*. Philip Gaskell (1972) e Frans Janssen (1985) consideram que não se trata de um manual de impressão mas de um manual de correcção de provas. Ou seja, estamos perante uma obra de apoio à transcrição de manuscritos vernaculares, para os tipógrafos-impressores, pois os copistas preocupavam-se mais com a caligrafia do que com a ortografia [Gaskell]. No mesmo ano (1608), esta obra foi adaptada (e, talvez, plagiada) pelo famoso tipógrafo-impressor francês Christophe Plantin, que lhe introduziu regras mais pragmáticas e sofisticadas, próprias de uma casa impressora tão prolifera como a sua; como exemplo, citamos a famosa *Bible Polyglotte* (1572), impressa em cinco línguas. Essas novas regras contemplavam um regulamento interno para os seus revisores e para os seus correctores de impressão, e um método de revisão que implicava uma leitura adicional em voz alta [Janssen] – por outras palavras, uma revisão duplamente sensorial (visão e audição) – método ainda hoje, surpreendentemente, em voga.

“O lema reformador de Petrarca em relação à capacidade narrativa do texto só pode ser entendido a partir de uma consciência e visão global homogénea, aquela que abarca como capacidade expressiva a totalidade da presença textual; isto é, desde o mais puro significado das palavras até à sua apresentação na página mediante a sua formalização gráfica.” [Enric Tormo, 2004].

Assim sendo, podemos entender a Ortotipografia, etimologicamente, como a tipografia correcta (*orto*, do grego: direito, correcto, recto, exacto), e, cientificamente, como a disciplina que determina os princípios reguladores e os normativos da composição de textos, de modo que estes tenham uma leitura fácil, eficaz e agradável.

### MICROTIPOGRAFIA

O termo 'Microtipografia' (*Microtypography*), aplicado pela primeira vez em 1982, pelo tipógrafo e designer suíço Jost Hochuli, generalizou-se na literatura especializada através do termo, menos pretensioso, 'Tipografia do Detalhe' (*Detail in typography*).

Enquanto a Macrotipografia (a tipografia dos elementos maiores, aquela que se refere ao conceito tipográfico, etc.) se ocupa do formato, do tamanho e da definição das colunas de texto, assim como das imagens, da hierarquia dos títulos e das legendas, a Microtipografia ocupa-se das unidades: da letra, do espaço entre as letras e as palavras e entre as palavras e as linhas, etc. Estas são as unidades que tipógrafos e designers gráficos consideram inalienáveis e não discutíveis, pois estão fora do âmbito 'criativo'.

Com o desaparecimento da composição em chumbo, o poder de decisão foi transferido do produtor de tipos de letras para aqueles que as aplicavam. O chumbo, rígido e inalterável, seria substituído pela película e por uma nova tecnologia: a fotocomposição. Esta indústria, que acompanhou a evolução tecnológica, foi surpreendida por questões formais relacionadas com novas circunstâncias de composição

que exigiam uma formação mais sistemática do tipógrafo-compositor. Os elementos visíveis que tornam possível a configuração óptima do texto, relacionados com a estética e o gosto pessoais, são a meta de todo o trabalho tipográfico, pois convertem-se em questões de legibilidade. Assim, estas questões formais ultrapassam o âmbito da Microtipografia, da eleição pessoal. Será a fisiologia do olho humano a decidir [Hochuli, 1984].

'A disposição do material impresso, independentemente da sua intenção, raramente coincidirá com a do autor e do leitor.' [S. Morison, 1929].

ANTERO FERREIRA

**Em breves notas de introdução de cada um dos textos, oferecemos ao leitor um pouco da sua história bibliográfica e assentamos o critério que presidiu à transcrição ou, pelo menos, indicamos a fonte.**

**Esperamos que este livro não seja demasiado indigno da colecção em que aparece, ao lado de obras importantes, num plano bibliográfico magistralmente gizado pelo entusiasmo cultural e pelo *amor librorum* de Joaquim Veríssimo Serrão. Como já dissemos acima, ele não é senão o esboço dum estudo mais amplo que por ora consideramos prematuro publicar. Mas é este um dos nossos propósitos mais arreigados — levar a bom termo essa obra para a qual, *Deo iuvante*, esperamos poder carrear nos próximos anos matéria documental em grande parte desconhecida ou mal conhecida. O nosso Humanismo continua à espera de trabalhadores que desbravem a floresta, de cabouqueiros que saibam lançar as bases do grande edifício que urge erguer. Procuramos apenas ser um desses trabalhadores, um desses cabouqueiros ao serviço da cultura portuguesa, ao serviço da Cultura *tout court*.**

**Paris, Novembro de 1972.**

organizada e como  
podiam concorrer com e

Quanto ao séc. XIX, o  
do período: 1.º) a influênc  
rior continua também no I.  
comércio do livro tende para  
de muito melhor qualidade  
França Amado; 3.º) o co  
*impressores* ficou reduzido  
livraria aí se instalou.

Até à primeira

refere:

nos obrigaria a des  
*cardinalis Historia Apostolica* p  
a, nos comentários, observações de  
m figurar na segunda parte deste livro.  
e transcrever cartas pessoais de humanistas p  
cartas de Erasmo a humanistas portugueses.  
enardo poderíamos ainda refugar e escolher pas  
s, assim como noutros textos desta e doutra n  
de livros humanísticos do século XVI são, a tal  
ntes. Reservamo-nos recolher um dia todo este  
stemáticamente, pois ele é uma documentação  
do Erasmismo em Portugal.

z respeito a Erasmo, servimo-nos, para est  
tista dos *Opera Omnia*, assim como de  
*epistolarum*, dos *Erasmi opuscula* e  
vai no lugar próprio quan

Entendem

## CORRIGENDA

Apesar do cuidado com que foram revistas as provas tipográficas deste livro, cuja composição (e impressão) foi excepcionalmente morosa, sobretudo na segunda parte, por se tratar de textos latinos, alguns pequenos lapsos passaram despercebidos à revisão, do que pedimos desculpa ao leitor.

Entre esses lapsos, averbamos, por exemplo, o da palavra «erasmismo» por «Erasmismo», a designar uma corrente de pensamento moral e teológico, quando não aparece no contexto definida por um adjectivo qualificativo.

Apontamos tão-somente uma dezena, para elucidação do leitor.

<i>Pág.</i>	<i>Linha</i>	<i>Onde se lê</i>	<i>Leia-se</i>
26	4	erasmismo	Erasmismo
28	7	introductor	introdutor
40	22n	<i>erasmismo</i>	<i>Erasmismo</i>
53	5	humanismo	Humanismo
63	1-2	erasmismo	Erasmismo
65	1	erasmismo	Erasmismo
66	3	Sadoletto	Sadoleto
69	21	Sadoletto	Sadoleto
111	8	Erasmianamente	erasmianamente
149	1	erasmismo	Erasmismo
152	11	importuno	inoportuno
163	19	pode	podem